



POLÍTICAS DE TURISMO E LAZER NA PAN AMAZÔNIA

DARK TOURISM: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO MÓRBIDO NA CIDADE DE MANAUS

Athina de Lima Fernandes ¹

INTRODUÇÃO

O turismo tem suas várias ramificações e surgem mais no decorrer do tempo. Este tema levanta muitas controvérsias pelas formas diferentes que ele é praticado, mas chama muita atenção de pesquisadores e historiadores, por estar sendo praticado há muitos séculos. Muitos países têm equipamentos de turismo mórbido e praticam esta modalidade, mas estes não têm uma regularidade como os outros segmentos do turismo. O principal objetivo é apresentar um estudo bibliográfico sobre o potencial do desenvolvimento do turismo mórbido na cidade de Manaus, bem como a capacidade de exercer tal função e a importância desse desenvolvimento para o turismo na cidade. E a partir dessas informações realizou-se uma reflexão e uma pesquisa de campo em um possível equipamento do turismo mórbido. A metodologia adotada baseia-se em pesquisas bibliográficas que envolvem definições e tipologias do Dark Tourism, tendo como base artigos científicos e livros internacionais dos autores que primeiro apresentaram o tema e o conceituaram. Assim sendo este trabalho busca ser mais uma fonte de conhecimento acerca do tema na cidade.

Palavras-chave: Dark Tourism, Turismo Mórbido, Turismo de cemitério, Manaus-AM.

Por ser um segmento relativamente novo e ainda em desenvolvimento, não há um termo ou um conceito específico para o turismo mórbido. Foley e Lennon (2000) foram um dos primeiros a dar um nome e conceito para esse segmento, Dark Tourism, traduzido de forma

¹ Formação: Bacharel em turismo pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus - AM.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/> ; E-mail: alf.tur17@uea.edu.br.

livre como “turismo obscuro”, usado para designar viagens associadas à morte real ou fictícia. O turismo mórbido chama a atenção de viajantes em busca de novas experiências, estes têm escolhido viajar para locais um tanto distintos, desde cemitérios a locais atingidos por tsunamis e incêndios.

Stone (2006) tomou como base os estudos de Miles, Sharpley, Strange e Kempa para criar as sete tipologias do Dark tourism que temos hoje, são elas: Dark Fun Factories são passeio apresentando a morte como entretenimento; Dark Exhibitions são exposições que visam a educação acerca da morte; Dark Dungeons referem-se a antigas prisões e masmorras; Dark Resting Places são visitas a cemitérios e túmulos; Dark Shrines são locais onde se prestam respeito pela morte; Dark Conflict Sites giram em torno de campos de batalhas e guerras acabadas ou ainda em andamento; Dark Camps of Genocide são locais de mortes em massa.

A morte de alguém é um evento que pode acontecer de várias formas, sendo elas incontáveis. Supondo que um turista mórbido queira visitar um local onde houve morte por acidente nuclear e um outro turista queira visitar um local de morte por erro médico, seria difícil ter uma nomenclatura para cada morte, portanto muitos autores preferem seguir uma tipologia que agregue de 5 a 10 tipos de visita, assim é mais fácil de separá-los por só haver sete tipologias. Ainda assim alguns autores que decidem falar especificamente sobre uma ramificação deste segmento, nomeiam o tipo de turismo feito nestes locais, como o dos exemplos citados acima, Turismo Nuclear e Turismo de medicina sombria, respectivamente.

Outra forma de designar um atrativo obscuro é pelo grau de 'obscuridade' que ele oferece, tabela (figura 1) esta feita por Stone (2006). Tendo como exemplo dois atrativos da mesma tipologia, a prisão de Alcatraz e a prisão de Robben Island. Ambas eram prisões de segurança máxima e estão desativadas atualmente, mas com o tempo algumas coisas mudaram, Alcatraz foi tomada pelo marketing e a sua estrutura foi moldada para se tornar um local de entretenimento, já a Robben Island manteve sua essência e a sua política é bastante rígida e torna este lugar mais obscuro do que a prisão de Alcatraz.

Da mesma forma que não é possível nomear os atrativos por sua grande quantidade, também não é possível definir uma motivação exata pela qual o turista visita estes locais, por que é algo intrínseco da pessoa. Os mais comuns são, adquirir conhecimento por via do contato com o visual e a história falada para ter consigo o sentimento de pertencimento, logo depois

tem a curiosidade simples, a demonstração de luto por alguém, e vontade de enfrentar um evento em busca de satisfação mental em ser parte daquilo.

Figura 1: Um Espectro do Dark Tourism: Características da Percepção do Produto do Dark Tourism dentro de uma Estrutura de Oferta ‘Mais Escuro - Mais Leve’.



Fonte: Traduzido pela autora, de Stone (2006)

Rojek (1997) também fala que o medo é um dos importantes motivos pelo qual visitamos Dark places, pelo medo de morrer ou pelo medo quem está morto. Holt (1995) propôs 4 motivações: Experienciar a morte mesmo que de forma simbólica; Experienciar a morte como luto ou em homenagem a alguém; Participar de modo fantasioso de uma retratação de morte ou participar realmente de uma experiência de morte, colocando sua vida em risco; E por fim, para demonstrar status, viajando a locais perigosos.

Segundo Monteiro e Silva (2010) e Ribeiro (2013), os atrativos podem ser: Memoriais, Exposições, Desastres, Presídios, Manicômios, Campos de concentração e Extermínio, Crimes, Igrejas, Cemitérios, Santuários e Eventos. No mundo temos vários espalhados, os mais famosos são os campos de concentração nazistas, o campo mais antigo se chama Auschwitz I e tinha entre 15.000 e 20.000 prisioneiros. O segundo campo, Auschwitz II, tinha mais de 90.000 prisioneiros em 1944, grande parte das vítimas foram exterminadas ali. Os campos de concentração ficaram famosos por meio do cinema, em 1993, Steven Spielberg dirigiu o filme

" A lista de Schindler" contando como funcionavam os campos e subcampos e as mortes. Esse filme acabou servindo de influência para que as pessoas visitassem estes locais.

No Brasil, temos o Hospital Colônia de Barbacena, criado em 1903, sendo um prêmio de consolação para Barbacena por ter perdido o título de capital do estado de Minas Gerais. O hospital tinha diversas atividades para os pacientes, era um hospital que apesar de excluí-los da sociedade, buscava oferecer um ótimo tratamento, mas por conta da super lotação chegou a ser comparado a um campo nazista (RIBEIRO, 2013).

Muito se fala sobre quem visita Dark places, muitos imaginam que essas pessoas têm uma mente diferente e seus pensamentos sempre giram em torno da morte, porém muitos Dark Tourists são interessados em artes tumulares, histórias antigas e movidos pela curiosidade. Existe um certo preconceito com o turismo mórbido, talvez pelos poucos estudos conduzidos sobre o assunto se tornou mais difícil acabar com ele. Entretanto, para os que sabem e conhecem o assunto também existem algumas contradições a serem tratadas, como por exemplo, os filmes sobre atrocidade conduzidos por pessoas de fora que acabam passando informações errôneas quando utilizam fatos irreais para passar a informação, assim banalizando o acontecimento.

Por fim, em busca de potencializar o turismo mórbido na cidade de Manaus, fez-se um questionário aplicado a 36 alunos do Curso de Turismo da Escola Superior de Artes e Turismo, todas as respostas estão relacionadas ao possível desenvolvimento do turismo mórbido na cidade de Manaus. 80,6% dos entrevistados têm entre 18 e 25 anos e apenas 47,2% dos entrevistados têm conhecimento sobre Dark Tourism, sendo assim a pesquisa foi desenvolvida com estes 47,2%.

Sobre as motivações para visitar Dark Places, os entrevistados listaram a curiosidade, a arquitetura, o contexto histórico e a imersão no contexto do acontecimento como as mais fortes motivações. Quando perguntados se Manaus tem equipamentos para exercer a função de um atrativo Dark, grande maioria concordou que sim, e que se desenvolvido em Manaus traria inovação, agregaria a história da cidade, daria abertura para outros tipos de turismo e traria novas fontes de renda.

Um local identificado como um bom ponto turístico mórbido é o cemitério São João Batista, um cemitério antigo que já teve registros de visitas anteriores. Atualmente, existem alguns projetos sendo feitos para melhorar o cemitério e receber mais visitas, como

georeferenciar sepulturas, a iluminação foi mudada e a segurança armada foi reforçada, por isso este tipo de turismo é possível e não é considerado algo fora do comum, segundo os trabalhadores do local.

REFERÊNCIAS

FOLEY, M.; LENNON, J.J. **Dark Tourism: the attraction of death and disaster**. London: Continuum, 2000.

HOLT, D. (1995). **How consumers consume: a typology of consumption practices**. Journal of Consumer Research, 22(June), 1e16.

MONTEIRO, Jaqueline de Oliveira; SILVA, Erly Maria de Carvalho e; MONTEIRO, Jessica de Oliveira. **Turismo macabro: Conhecer para entender; Entender para desconstruir**. VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós – Graduação em Turismo -ANPTUR, 20 e 21 setembro de 2010. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2010. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/7/163.pdf>. Acesso em: 17 março. 2021.

RIBEIRO, Stephanie H. Lima. **TURISMO MACABRO: UM ESTUDO SOBRE O SEGMENTO E SEU RECONHECIMENTO COMO ATIVIDADE DE LAZER, CULTURA E CONHECIMENTO**. Orientador: Ari da Silva. 2013. 94 f. TCC (Graduação) - Curso de Turismo, Faculdade de Turismo e Hotelaria, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/1151/1/264%20%20Stephanie%20Heringer.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2021

ROJEK, C. (1997) **Indexing, dragging and the social construction of tourist sights**. In C. Rojek and J. Urry (eds.) *Touring Cultures: transformations of travel and theory*. London: Routledge, 52-74.

SHARPLEY, R. (2005). **Travels to the edge of darkness: towards a typology of dark tourism**. In C. Ryan, S. Page, & M. Aicken (Eds.), *Taking tourism to the limit: Issues, concepts and managerial perspectives* (pp. 215e226). London: Elsevier.

STONE, P. R.2006 **A Dark Tourism Spectrum: Towards a Typology of Death and Macabre Related Tourist Sites, Attractions and Exhibitions**. *Tourism: An Interdisciplinary International Journal* 52:145–160.